

A ECOLOGIA DA RUA: SABERES, FAZERES E EXPERIÊNCIAS DE RECICLADORES DE SOBRAL/CE

Ivaldinete de Araujo Delmiro Gêmes¹
Márton Tamás Gêmes²
Darlane da Silva Sousa³
Ana Geísa Almeida da Silva⁴
Fabrício de Sousa Sampaio⁵

RESUMO

Neste trabalho apresenta uma compreensão dos processos cotidianos da vida, dos sujeitos que trabalham como recicladoras(os) nas ruas da cidade de Sobral. Com efeito, esses agentes constroem, propagam, se envolvem na dimensão do agir sustentável, na produção de afetos, na rede de cuidado ecológico e na responsabilidade com o Outro. O intento é o de compreender como se operam os processos, do fazer ecológico, que atravessam o trabalho de reciclagem. Na sociedade brasileira, a atividade de reciclagem é forjada pelas redes de produção e de consumo, pela lógica do capital que produz um excedente de trabalhadores/desempregados, que vivem em situação de exclusão, miséria e fome. Nessa sociedade de consumo, se produz o sujeito miserável, projetado pela in (competência) do sistema produtivo, invisibilizado, e que tece sua sobrevivência nas teias da reciclagem e desigualdade social. É a partir dessa observação que traço uma compreensão sociológica, acerca da formação do sujeito ecológico nas esferas do reconhecimento do Outro. Esta experiência foi realizada durante três anos com os recicladores de resíduos da cidade de Sobral/CE. A abordagem aconteceu a partir do diálogo teórico metodológico de categorias como: sujeito ecológico, ecologia da Rua e reconhecimento. Desse modo, propõe-se uma análise acerca da produção de práticas subjetivas que atravessaram experiência dos recicladores e recicladoras da cidade de Sobral/CE. O trabalho tem como objetivo compreender o processo de reconhecimento das práticas cotidianas de sujeitos que vivem da coleta de resíduos sólidos, produzidos pela população de Sobral/CE. O recorte analítico é de buscar compreender as práticas e discurso do fenômeno social da reciclagem, a partir da Sociologia Ambiental e da Antropologia, sem pretensões de esgotar o debate analítico dos saberes e fazeres ambientais. Neste sentido, foi elaborada uma rede de diálogo com estudos, produções e análises existentes. O estudo apresenta a seguinte hipótese: as recicladoras e os recicladores atuam na práxis de germinar a ecologia da rua, de moldar o ambiente nas esferas do agir ético e sustentável. Portanto, o imperativo ecológico, tal como o imperativo da ética do cuidado são substâncias nas quais emergem o agir humano. O resultado dessa práxis, se revela no fazer ambiental, no saber ecológico, nas esferas da sustentabilidade rizomática e do cuidado ecológico. Principalmente, no reconhecimento daquelas que cuidam da vida e produz uma ecologia da Rua.

Palavras-chave: Ecologia da Rua, Meio Ambiente, Recicladores, Saberes

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Pós Doutora pelo PRODEMA - UFPB, ivaldinetedelmiro@gmail.com;

² Doutor em Literatura pela Universität zu Köln / Alemanha, marton_tamas@uwanet.br;

³ Graduanda do Curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, dariane_sousaah@gmail.com;

⁴ Mestra em Sociologia, pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA, geisa2200paz@gmail.com;

⁵ Doutor pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN, farcosousa@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta uma compreensão sociológica, dos processos cotidianos da vida, de sujeitos que trabalham como recicladoras e recicladores, na produção de afetos, de cuidado e de responsabilidade para com o outro. Neste drama social busca-se interpretar como se operam os processos de reciclagem da sociedade brasileira, forjada pelas redes de consumo, exclusão, miséria e ódio. Nessa sociedade de consumo, se produz o sujeito miserável e invisibilizado que tece a sobrevivência nas teias da desigualdade social. O meu interesse pelos estudos ambientais, teve início na Universidade Federal da Paraíba, no PRODEMA/UFPB. No ano de 2016 quando realizei meu Estágio Pós doutoral, na Universidade Federal da Paraíba. Naquela ocasião, eu fiz uma pesquisa sobre a mulher gari, como promotora do cuidado ecológico e propagadora de práticas e de saberes ecológicos. Na verdade, essas questões ambientais são temas relevantes, para todas e todos que residem nos abismos e nas possibilidades sustentáveis da existência profunda da vida cotidiana. Assim tenho realizado o esforço, de traçar uma abordagem, que ultrapasse as barreiras do fazer acadêmico. Neste sentido, eu procurei distinguir os saberes ecológicos e complexos de meros processo de escritas acadêmicas, e ao mesmo tempo, buscar colocá-los na pauta do saber humano. É a partir do convívio nessa experiência humana, que traço a compreensão dialógica acerca do cuidado ecológico, da reciclagem na formação dos sujeitos e do reconhecimento do Outro.

Esta experiência foi realizada durante três anos com os recicladores de resíduos sólidos da cidade de Sobral/CE. A abordagem aconteceu a partir do diálogo teórico-metodológico e da análise acerca do sujeito ecológico, do cuidado ecológico, da ecologia da Rua e de reconhecimento. Desse modo, propõe-se aqui, uma análise acerca da produção de práticas subjetivas que atravessaram experiência dos recicladores e das recicladoras da cidade de Sobral/CE. A proposta visa compreender o processo de reconhecimento das práticas cotidianas, da história de sujeitos que vivem da coleta de resíduos sólidos (que muito denomina de lixo). Os resíduos sólidos são produzidos cotidianamente pela população de consumidores da cidade de Sobral/CE.

A produção, circulação e o consumo de produtos e de mercadoria, pelos trabalhadores e trabalhadoras, são bases constitutivas/orgânicas para a existência humana. Neste sentido, afirmo que todo processo de descarte, manuseio, gestão, aproveitamento, coleta e venda dos restos de materiais, de produtos descartáveis e de resíduos sólidos são

partes constituintes dessa cadeia produtiva, que dimensionam o saber e o fazer humano, sob vários aspectos: econômico, cultural, político, sanitário, socioambiental, etc.

Para Heller (2008) a história é compreendida como, a história da explicitação da essência humana, mas sem identificar-se com esse processo. A substância não contém apenas o essencial, mas também a continuidade de toda a heterogênea estrutura social, a continuidade dos valores. As esferas heterogêneas da história são: produção, relações de propriedade, estrutura política, vida cotidiana, moral, ciência, arte; encontram em si nas relações de alteridade. O decurso da História é o processo de construção dos valores, ou seja, da degenerescência e ocaso desse ou daquele valor. O que se recicla, ou que ainda não se recicla, é parte dessa constituição ontológica e axiológica nas esferas do saber e da práxis humana.

METODOLOGIA: REFERENCIAL TEÓRICO

O recorte metodológico dessa pesquisa está ancorado na compreensão do fenômeno da prática de reciclagem, na cidade de Sobral/CE, a partir das abordagens teóricas da Antropologia Ambiental, da Ética do Cuidado e da Sociologia Ambiental. Sem pretensões de esgotar o debate analítico dos saberes e fazeres ambientais. Assim, foi realizado o diálogo com estudos, produções e análises já existentes sobre essa temática.

O estudo apresenta como tese central: que as recicladoras e os recicladores atuam na práxis de germinar a ecologia da rua e de cuidar do ambiente nas esferas do agir sustentável. Além disso, quais são os sentidos atribuídos ao fazer ambiental, ao saber ecológico e às questões do cuidado ecológico, da sustentabilidade e do reconhecimento daqueles cuidam da vida e produz uma ecologia da Rua.

A rua, o palco onde se desdobra as performances cotidianas de bricolagem e catação de materiais propícios para o processo de reciclagem. Foi neste ambiente onde se realizou a pesquisa de campo. A rua é aqui compreendida como um ambiente fértil de vida, diálogos, cuidado, de passagem de pessoas e de veículos, de lazer, propaganda, mercado, de trocas, de muito trabalho informal, trabalho precarizado, como: dos ambulantes, cortadores de árvores, motoboy, taxista, gari, vendedores de sinais, ativistas políticos, artistas de rua, flanelinhas, músicos amadores, panfletagens, estivadores, e recicladoras e recicladores de material sólido. Na rua encontram-se sujeitos que desempenham atividades diversas, são sujeitos corpóreos, são sujeitos políticos, étnicos, culturais e socialmente diferentes, no que tange ao gênero, a raça, e ao lugar econômico de classe sociais. Desse modo, na vida concreta, as falas afirmam cada momento desse fazer ecológico na vida cotidiana, como nos diz este sujeito ecológico:

Professora é aqui na rua que eu ganho a vida. Já consegui colocar comida em casa. Pago minhas contas. As vezes trabalho muito para conseguir um pouco de dinheiro. O problema é que eles compram o material muito barato da gente. Fico quase o dia todo com essa carroça para lá e pra cá, nesse calor, e no final levo algo para casa. Tem dias que eu acho bom ter esse trabalho. Sou trabalhador, sou gente de bem, sempre que posso recebo a ajuda de um amigo gari. Ele junta comigo o material. Aí eu divido com ele. Além disso, consigo mais materiais para levar para os compradores. Eu não sou da cooperativa, trabalho para mim. (Elias, 43 anos, reciclador em Sobral)

É bom ressaltar aqui, o sujeito que realiza a atividade de reciclagem de matérias, é enaltecido nesta pesquisa, como sujeito ecológico. Na análise de Carvalho (2013), o sujeito ecológico é um processo, no qual:

O sujeito ecológico designa a internalização ou subjetivação de um ideário ecológico. Esse mesmo processo pode ser pensado nos termos de uma incorporação por indivíduos e grupos sociais que passa a ser vivida como convicção pessoal, definindo escolhas, estilos e sensibilidades éticas e estéticas (CARVALHO, 2013, p. 1).

O método utilizado para a compreensão dessa análise foi a pesquisa qualitativa. Na qual foi indispensável a técnica da observação direta. E ainda, fez a entrevista longa e direta. As entrevistas foram realizadas entre os meses de março de 2022 e de maio de 2024. Realizei em horários e lugares predefinidos pelos sujeitos da pesquisa. No sentido de respeitar a disponibilidade de tempo das entrevistadas (os).

Nesse aspecto, foi feita uma breve explicação em torno do objeto deste estudo, sanando possíveis dúvidas das entrevistadas (os) e deixando-os inteirados da temática a ser tratada durante a entrevista. A duração das entrevistas com os recicladores ocorreu entre 45 minutos e 1 hora cada uma delas. Cada história que era contada, mais se desvelava a disponibilidade de cuidado ecológico. Eu expliquei qual é o objetivo da pesquisa. De compreender o cotidiano de sujeitos (catadoras e catadores) que vivem da coleta na rua, e da venda de materiais recicláveis na cidade de Sobral/CE. Trata-se de um estudo sociológico, com base na observação direta, com entrevistas e alguns relatos de experiências de vida dos recicladores e das recicladoras.

Durante idas e vindas, pude perceber que, a cidade é um espaço em processo de movimento na produção, socialização e construção cotidiana da vida, do lazer, do trabalho, do consumo, da festa, da política, dos afetos e do cuidado ecológico. Aqui remeto a teoria de Stein (2018), que aponta o “cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo”, transcende as práticas pontuais e assistencialistas e possibilita a promoção do ser humano como sujeito e protagonista da sua própria história. Dito em outras palavras, o cuidado ecológico se dá mediante a valorização do diferente, a

potencialização do ser humano como um ser de interações e associações, as quais precisam estar articuladas e integradas com os diversos saberes”.

É a partir dessa perspectiva ontológica, que eu pude compreender as experiências profundas do cotidiano de sujeitos (recicladoras e recicladores), que efetivam práticas de cuidados, promovem a saúde, elaboram um saber ecológico, nas esferas de sociabilidades ritualizadas pela necessidade de existir. E, também pela potência criativa que aciona a imaginação ecológica. Aqui compreende-se que:

A imaginação ecológica travessa a vida social como uma potência criativa redefinindo a passagem que habitamos e as nossas relações com os organismos e os objetos que formam o mesmo mundo no qual existimos. Ao mesmo tempo transforma as práticas ambientais cotidianas de preservação, apreendidas as vezes recentemente em predisposição e atitudes que se impõem aos indivíduos e aos grupos sociais, como *habitus*. (CARVALHO, 2014, p. 163)

Para entender essas sociabilidades, foi necessário “ouvir as vozes” desses sujeitos. Essas vozes são geradas por sujeitos corpóreos, que pertencem ao de um lugar, e não são simplesmente experiências individuais de como lidar com situações de pobreza e sofrimento. Para Cyrulnik (2012):

A pobreza cria uma situação parecida. A miséria não é um vício, mas a roupa surrada que a revela passa uma imagem deteriorada que causa vergonha no necessitado. Um par de calças gastas causa o efeito de uma escrita de si que consta para os outros, o que se queria ocultar. A vergonha da miséria é vivenciada na transparência: Minhas calças gastas revelam contra minha vontade, minha degradação social. (CYRULNIK, 2012, p.20)

As fala/narrativas vão também revelar as formas de opressão sistêmicas e as dimensões geradas pela sociedade capitalista, em que se produz e reproduz riqueza e miséria. Tornou-se cada vez mais difícil, no setor urbano da sociedade brasileira, a sobrevivência dos sujeitos que não se encaixam nos padrões de produção e consumo. Uma realidade composta por uma lógica de desenvolvimento linear, na qual o sistema de justiça não é ofertado e nem acessado pelos pobres e excluídos como aponta esse autor.

um mundo em que a linha divisória entre os humanos e os outros menos humanos é uma linha entre os que trabalham na terra e os que não. Este mundo é habitado por subjugados de um lado e cidadãos no outro; a sua vida é regulada pela lei costumeira de um lado e a lei moderna do outro; as suas crenças são rejeitadas como pagãs de um lado, mas mantêm o estatuto da religião no outro; os momentos estilizados nas vidas quotidianas são considerados rituais de um lado e cultura no outro; a sua atividade criativa é considerada artesanato de um lado e glorificada como arte do outro; a sua comunicação verbal é diminuída como conversa vernacular de um lado e elevada como discurso linguístico do outro; em suma, o mundo dos “selvagens” barricado, nos atos e nas palavras, do mundo dos “civilizados” (Mamdani, 1996: 61).

O poder do capital desencadeou as divisões sociais e econômicas, assolou grande crise na distribuição dos recursos naturais e outros. Fez propagação da prática da exclusão e transformou um grande contingente populacional em camadas subalternizadas, sem acesso aos bens necessários à vida. Este sistema opressivo e limitador dos direitos humanos, corrobora diretamente no controle das riquezas e na baixa qualidade de vida de grande contingente populacional. Lado a lado com a minoria que usufrui da riqueza, produzida pelos trabalhadores, vivem àqueles que se agarram as possibilidades de existir. Para Boaventura dos Santos:

A monocultura do saber e do rigor do saber transforma a ciência moderna e da alta cultura em princípios únicos de verdade e qualidade estética. Tudo o que não reconhece, não existe ou é irrelevante. A monocultura do universal e do global emerge como consequência direta da monocultura do saber: arrogando-se universal e excluindo o mundo que não se encaixa nos seus padrões, tudo o que é local ou particular é invisibilizado pela lógica da escala global. A monocultura da produtividade capitalista vive numa relação simbiótica com a monocultura do saber. A ciência moderna assenta nos princípios que servem à produtividade capitalista. Todo o outro conhecimento é invisibilizado, porque todo o outro tipo de produção é desvalorizado. A não existência aparece sob a forma de improdutivo. (SANTOS, 2006, p.46)

De acordo com pesquisa em campo, o município de Sobral conta com três estações de separação da coleta seletiva realizada pelos que reciclam. Nas quais o material é separado, prensado e vendido, ou seja, é destinado as empresas locais e nacionais, compradoras. Além das estações de reciclagem a cidade tem as **ilhas de reciclagem**, somente para a coleta de materiais recicláveis em pequenas quantidades. Os resíduos sólidos: papel, vidro, plástico e outros são colocados em pequenos cestos. A outra parte da coleta do lixo é realizada pelos recicladores/catadores que garimpam nas ruas da cidade. Esses agentes passam todos os dias com: sacolas, carroças, para coletar e vender o material por pequenos valores que são arrecadados durante a venda. Para a maioria da população, esse material é tido como descarte ou lixo. Durante a pesquisa de campo, pude perceber que em Sobral a coleta seletiva está sendo difundida pelos canais públicos. A gestão dos resíduos sólidos é realizada pela AME e Secretaria de Serviços urbanos. Ainda é muito difícil lidar com o problema da gestão desse material. É bom ressaltar aqui que o lixo e resíduos recicláveis, faz parte do modo de vida de uma parte considerável da população que vive da coleta desse material descartável. A situação das pessoas que vivem da atividade de coletar e vender os resíduos sólidos (objeto e matéria de trabalho) é bastante complexa. Pois, estes sujeitos são diariamente invisibilizados pela sociedade. Talvez seja essa invisibilidade, que se

propaga como eficácia de exclusão social, e ao mesmo tempo, alimenta o sistema. Sobre a exclusão social, Martins.

A exclusão é uma noção que abrange as minorias subalternizadas e marginalizadas de diferentes categorias sociais, tanto no campo como na cidade. A sujeição desses indivíduos, a diferentes ordens de privações, não só no plano econômico, mas também no político, social e cultural. Considerando o universo dos sujeitos sociais dessa pesquisa. Trata-se de uma exclusão integrativa, em que a utilidade das populações excedentes está na exclusão do trabalhador do processo de trabalho capitalista e sua inclusão no processo de valorização por meio de formas indiretas de subordinação do trabalho ao capital. (MARTINS, 1993, p:100).

Quando me debruço nesta temática, eu desperto para compreensão de que, o modo de vida dos recicladores, é visto como experiência, na qual muitas vezes são considerados sujeitos abjetos, espécies de descartes, tal qual o objeto do seu trabalho. A minha escolha de explorar a vivência nesse rizoma, se justifica que pelo fato de que, as catadoras/recicladoras (os) estavam ali. Assim, busquei compreender como essas agentes vivenciavam a invisibilidade e rejeição social traduzidas em várias formas de violências físicas e simbólicas, infringidas pelo não reconhecimento dos direitos: de igualdade, liberdade e cidadania. Dessa forma, eu escolhi me aproximar e entender a situação sem rodeios ou inseguranças. A possibilidade ou sombra do medo não me afetava nesta jornada etnográfica que propus realizar acerca das experiências de sujeitos que vivem e morrem na linha de abismo da miséria, do sofrimento e do medo da perda do apossamento de si. Percebe-se então que a situação de subalternização em que são colocados, assinala a política do ódio que devasta qualquer expectativa de vida, reconhecimento, cuidado e de saber. É mesmo assustador, perceber nesta experiência, que o reconhecimento do Outro foi negligenciado pelo sistema. Nesse sentido, Boaventura (2006), assinala que:

A monocultura da naturalização das diferenças consiste na distribuição das populações por categorias que identificam diferença com desigualdade e permitiu, pois, legitimar a dominação e a exploração. A monocultura do tempo linear produz a não existência pela “não contemporaneidade do contemporâneo”. As dicotomias em que assenta a compreensão ocidental do mundo são, pois, nutridas de uma lógica evolucionista, que sobrepõe diferença, inferioridade e anacronismo. O outro não é só selvagem, é atrasado, primitivo, arcaico. (SANTOS, 2006, p 53)

Nessa pesquisa, constata-se que há um problema social e ambiental, típico de cidades de porte médio como Sobral, refiro-me em especial ao problema da coleta do lixo. É ainda muito complexo, no que tange aos locais nos quais são depositados esses resíduos sólidos. Nesse sentido, os recicladores/moradores da cidade são responsáveis

por uma parte considerável da coleta seletiva no setor urbano. Aqui trata-se analisar esse fenômeno da reciclagem no sentido prático, econômico, cultural, ambiental e simbólico. Na perspectiva ambiental, fica evidente, que a reciclagem passa a ser um conceito interseccionado ao processo de trabalho precarizado, aos projetos de existência, de resistência, sobrevivência, e da vida nua das populações empobrecidas. Na roda que gira essa substância do capital/tempo humano, tempo/natureza, do tempo do trabalho de reciclagem, se origina e se propaga as formas diversas e diferenciadas dos fazeres e saberes sustentáveis.

A ecologia dos saberes parte do pressuposto que todas as práticas de relações entre os seres humanos e entre eles e a natureza participa mais de uma forma de saber e, portanto, de ignorância. Epistemologicamente, a sociedade capitalista moderna caracteriza-se pelo privilégio que concebe às práticas onde domina o conhecimento científico. Isto significa que só a ignorância dele é verdadeiramente desqualificadora. (SANTOS, 2006, p. 157).

Daí, torna-se fundamental falar da produção de uma ecologia da rua como uma categoria socialmente construída a partir da complexa rede de saberes e fazeres rizomáticos. E a partir dessa configuração social, busquei compreender a realidade que nos cerca, valendo-se de uma rápida linha do tempo sobre o reconhecimento do outro, daqueles que se debruçam no agir ecológico.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Na pesquisa com os sujeitos, podemos constatar o lugar que a mulher realiza o processo de coleta ou catação de lixo, como única ocupação que encontrou na vida, pois, ela perceber que o material de descarte encontrado nas ruas, é a fonte de manter viva sua família. A mulher busca no material uma fonte de ganhar uma renda que servirá para o sustento familiar.

A situação das mulheres na catação é mais complexa que a dos homens, pois o significativo percentual de mulheres, que são provedoras do sustento familiar, têm a responsabilidade de garantir o provimento do grupo familiar numeroso e o baixo nível de renda mensal tornam-se desafios constantes no âmbito do trabalho feminino no processo de catação, exigindo das mesmas, além da dupla jornada de atender as demandas domésticas, a necessidade de estabelecer, num espaço de trabalho que exige muito esforço físico e insalubridade, suas habilidades de gerenciamento, organização política e superação do preconceito de gênero numa sociedade balizada pela existência da cultura machista. (CHAVES; RODRIGUES, 2016, p. 100).

A gestão dos resíduos sólidos tornou-se um problema central para muitas cidades brasileiras de médio e grande porte. A cidade de Sobral/CE também enfrenta uma extrema dificuldade com a coleta seletiva. A população se preocupa e debruça no fazer

ecológico em seu cotidiano. No que tange o poder público, as políticas governamentais procuram algumas políticas de limpeza, aproveitamento e uso dos resíduos sólidos, além do grande desafio de dar um destino adequado ao lixo.

A reciclagem pode ser observada na cidade: no centro, nas periferias, bicos, vila e entorno. Nos ambientes, nos quais se localizam as Estações de Reciclagens. Essas área ou ambientes são locais de trabalho de catadores cadastrados. Também é o locus preferencial para a coleta dos resíduos sólidos pelo grupo da Prefeitura da cidade.

Chamo atenção para o fato de que, a coleta seletiva é uma prática mais apropriada dos resíduos. Portanto, vejo que ainda é uma utopia para a maioria dos moradores de Sobral/CE, pois são poucos bairros que tem acesso a ela. É necessário urgente a se reforçar a prática da educação ambiental.

A Educação ambiental pode ser entendida a partir do debate entre vários campos de saberes. Pode ser compreendida como uma subversão de racionalidades. Ela nasce do debate permanente em um campo de disputa epistêmica sobre o sentido do ambiental. Ou seja, a nova epistemologia é inspirada pela crítica emergente que deve ser múltipla ou plural, que complete o diverso epistemológico do dissenso e que pode ser expresso em diversas vias.

Nossa pesquisa foi realização acompanhando os percursos e os encontros de catadores em vários bairros da cidade, principalmente no Bairro Alto da Expectativa, próximo ao meu local de moradia, na área periférica do município de Sobral/CE. Nesse contexto, eu pude penetrar nos processos e perceber, as teias de significados que permeiam as experiências cotidianas, daqueles que são atravessados pela produção da pobreza, exclusão e miséria.

A pobreza cria uma situação parecida. A miséria não é um vício, mas a roupa surrada que a revela passa uma imagem deteriorada que causa vergonha no necessitado. Um par de calças gastas causa o efeito de uma escrita de si que consta para os outros, o que se queria ocultar. A vergonha da miséria é vivenciada na transparência: Minhas calças gastas revelam contra minha vontade, minha degradação social. (CYRULNIK, 2012, p.20)

Desse modo pude compreender como as recicladoras (os) trabalham, realizam grande parte da coleta seletiva, na qual, esses agentes elaboram um agir ecológico a partir de reciclagem produzindo novas formas de cuidado e novas configurações de inclusão e pertença. Desse modo, na ecologia da rua, eu aprendi que os saberes são potencializados no processo do reconhecimento do Outro e no desenvolvimento da aprendizagem do afeto através da experiência concreta e singular em Rede e com cada Ser. É bom levar em

consideração que o processo de conhecimento é criado a partir da relação dialética entre o ser social e o mundo que o cerca. E nesse processo o consenso se destaca como produto das atividades dos sujeitos. Segundo Pedrini (2002, p.73).

Educação Ambiental é um processo para propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado.

Na vida moderna a produção de cultura do consumo resultou na lógica do desperdício de matérias orgânicas e inorgânicas e acarretou uma desorganização das cidades quanto a gestão dos resíduos sólidos. É bom ressaltar, que esta cultura de consumo não se preocupa de modo algum com os problemas ambientais que se originam, na maioria das vezes em crise dos descartes dos resíduos. A situação do descarte é muito complexa, percebe-se que existe um movimento circular dos produtos. Esse movimento não atravessa e nem dialoga com as dimensões e os limites ambientais. Essas questões, são na maioria das vezes invisibiliza questões sociais e desconsidera a responsabilidade compartilhada de cada ator.

Ao abordar esta problemática de como são tratados e reciclados os resíduos, produtos e materiais sólidos nesta pesquisa sociológica em Sobral/CE Pude concluir que essas questões ambientais, ainda precisam serem revisitadas à luz da complexidade. Com De modo geral, em todas as sociedades forjadas nos modelos de consumo, da guerra, da produção de lixo, da fome e da negação do Outro.

Para Concluir, fica evidente que não existe uma preocupação na formação dos sujeitos ecológicos. Pois, percebe-se a constante ausência de políticas socioambientais, políticas educativas que desenvolvam novos projeto e processos éticos, cuidadosos e formativos e no que tange a produção de saberes e fazeres para a sustentabilidade plena da vida. Os dados foram obtidos através da Secretaria do Meio Ambiente que seleciona a quantidade de famílias em cada situação e como descartam o lixo do seu domicílio e pelo responsável pela organização da coleta seletiva do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho destacou que para a forma como os materiais são descartados pela população em cada meio e como as práticas das pessoas que recicla separa os materiais (o lixo) que é trazido para a coleta seletiva. A reciclagem é um modo de vida que gera

oportunidades para aquelas pessoas que não possuem fonte de renda. Também auxilia na produção de uma ecologia da rua a partir de uma educação ambiental gerando um planeta mais limpo. Na leitura de alguns artigos notamos que nas últimas três décadas a discussão em torno da relação humana com o meio ambiente ainda é vista de forma dual. É importante contemplar neste debate, a nossa perspectiva de sujeito ecológico e decolonial, trazendo outros olhares e significados. Por exemplo, compreender que o reconhecimento do outro se estende na abrangência e profundidade daquilo que conhecemos por ética ambiental é, claramente, de grande importância para os dias atuais. Pois, é necessário afirmar que, a consciência ecológica, ética e política em relação ao meio ambiente, aponta para o nosso comprometimento em reduzir os impactos causados pela ação destrutiva da raça humana na natureza. Ainda percebi que esta pesquisa evidencia o quanto os recicladores e recicladoras de Sobral podem ser protagonistas no processo do fazer e saber ecológico, e na presença desse senso ético eu vejo uma Ecologia da rua como meio adequado ao que buscamos como via. Enfim, eu pude identificar que, os grande e pequenos desequilíbrios que sofrem o planeta Terra, são resultantes de processos, práticas e tendências monopolizadoras de produção em grande escala de mercadorias e do constante consumo e descartes dessas mercadorias. A via de fuga para este fenômeno encontra-se na proposta de desenvolvimento sustentável.

AGRADECIMENTOS: Para todas e todos que amam a plenitude de SER;

Para os sujeitos ecológicos os que vivem nos abismos da exclusão

REFERÊNCIAS:

LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. Civilização Brasileira. GEOUSP – espaço e tempo, São Paulo, N°32, PP 219 - 221, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **O Sujeito Ecológico. A Dimensão Educativa** da Ecologia. Cortez. 2029.

CHAVES, M. P. S. R.; RODRIGUES, D. C. B. **Organização sociocultural e tecnologias sociais no trabalho das mulheres amazônidas**. Manaus: EDUA, 2016.

CYRULNIK, Boris.

DELMIRO GÉMES: Vassouras de Fogo. In: Desenvolvimento e sustentabilidade: políticas socioambientais e experiencias comunitárias. Org. Maristela de Oliveira Andrade. Editora UFPB. 2019.

MAGALHÃES, B. J. **Liminaridade e exclusão**: os catadores de materiais recicláveis e suas relações com a sociedade brasileira. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MARTINS, José de Souza. **Reflexão crítica sobre o tema da “exclusão social”**. In: A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 45).

MARTINS, José de Souza: **Sociabilidade do homem simples**. Cotidiano e História na modernidade anômala. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MANDANI, Mahmood. **Citizen and Subject**. Traduced of Márton Tamás Gémes Princeton: Princeton University Press. 1996.

MBEMBE, Achile. 2002. **On the Power of the False**. Traduced of Márton Tamás Gémes. Public Culture, New York, v. 14, n. 3, p. 629-641. 2002.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. Educação Ambiental: . Reflexões e práticas contemporâneas. Rio de Janeiro. UFRJ. 1998.

SANTOS, B de S. A gramática do tempo. Para uma nova cultura política. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SANTOS, B. de S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes, Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 78, p. 3-6, 2007